

O USO DO SKECHBOOK PARA PESQUISA EM DESENHO DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO

JOÃO VICTOR DE CAMARGO SOUZA¹; VITÓRIA BRESSAN DEBOM²; ANA LARA MACHADO BORGES³; LISLAINE SIRSI CANSI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – *c4marg0jv@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *vitoriabdebom@gmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *analarambs@gmail.com*

⁴Universidade Federal de Pelotas – *lislaine.cansi@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Sketchbook, Diário de Bordo, Caderno de Artista, Caderno de artista/professor/pesquisador, Livro de Desenho ou Caderno de Esboços, são vários os nomes para este material que faz parte da vida de estudantes de Artes Visuais, nas modalidades Bacharelado e Licenciatura, e interessados no campo, oferecendo um espaço privado para expressão, organização de pensamentos e desenvolvimento da criatividade. Nesse texto, optamos por empregar o termo “sketchbook”, pois trata-se do nome pelo qual temos familiaridade, mesmo sendo estrangeiro. A sua tradução é acessível: um caderno com papeis em abundância para desenhar.

Para além de sua tradução, o sketchbook é compreendido como um lugar de estímulo à criatividade e de livre arbítrio do sujeito que o utiliza. Com ele, abre-se possibilidade para tentativas e erros, para esboços, ajustes, finalização de um desenho ou de outra linguagem artística ali explorada, para experimentação de técnicas, materiais, dimensões. Compreendemos que na paginação do sketchbook o sujeito se propõe a criar, a desmistificar o ato de criação e a ressignificá-lo a partir do entendimento de que a criação envolve processos e práticas. Aqui indicamos o desenho como linguagem fundamental de uma pesquisa investigativa.

Nesse contexto, o sketchbook é amplamente empregado no âmbito artístico, seja por artistas, ilustradores, designers, professores de arte (nesse caso, em formação) ou pesquisadores com o adendo de que pode ser utilizado também no espaço escolar, e com isso é possível apontar para diversas aplicações, desde propósitos pessoais quanto de ensino-aprendizagem. Outra forma de se olhar para um sketchbook seria como obra, no contexto de vendas, pois tem-se a notícia de que artistas, ao finalizarem seus cadernos, fazem diversas cópias do mesmo e o vendem como obra. Um exemplo é o artista coreano Kim Jung Gi, falecido no ano de 2022, o qual vendia seus Sketchbook’s na internet.

A partir desse cenário, buscamos refletir sobre a utilização do Sketchbook como uma ferramenta de pesquisa em desenho de professores em formação. Nesse sentido, experiências particulares com o uso do sketchbook serão relatadas.

Portanto, para tal proposição alguns autores trazidos neste texto são Ana Paula de Oliveira Cunico e Ricardo de Pellegrin (2021), Rebecca Fernandes Erickson (2015), Carolina Ramos Nunes, Marisete Colbeich (2014), Maria Clara Martins Rocha (2010), Nair R. Sasaki (2023), para tratar sobre o sketchbook e seu uso, Edith Derdyk (1994), Elisa Kiyoko Gunzi (2016), para discorrer sobre a linguagem do desenho e a sua relação com o Ensino da Arte. A fundamentação teórica também é alimentada pelas reflexões advindas do projeto de pesquisa

¹ Bolsista FAPERGS.

intitulado “Sei desenhar: sobre a potência da linguagem do desenho na formação docente em Artes Visuais”, coordenado pela professora Lislaine Sirsi Cansi.

2. METODOLOGIA

A pesquisa em torno do uso do sketchbook caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e de revisão de literatura em livros, artigos e vídeos. Enfatiza-se que a revisão não foi finalizada junto a elaboração desse texto.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sketchbook é um material portátil que abarca a exploração de visualidades (CUNICO; PELLEGRIN, 2021). Ele não se caracteriza como uma ferramenta do mundo contemporâneo, ao contrário, segundo Erickson (2015), artistas de diversas temporalidades sócio-históricas como Leonardo D’ Vinci, Rembrandt, Francisco de Goya, Cézanne e Van Gogh fizeram uso do sketchbook. D’ Vinci recorria a seus sketchbook’s para esboçar seus textos, planos e invenções, caderno que continha desde observações anatômicas até esboços de mecanismos.

Julgamos relevante discorrer sobre a linguagem do desenho, já que é ela que indicamos anteriormente como fundamental no uso de sketchbooks. Não se pode definir o que é o conceito da palavra desenho, contemporaneamente há muitos conceitos para explicar a palavra.

Aponta-se que:

[...] mesmo pesquisando várias referências bibliográficas dos mais diferentes autores não seria possível chegarmos a uma definição única de *desenho*. Isso ocorre porque o desenho pode ter diferentes concepções: técnica-formal, histórica, estética, processual, entre outras (KIYOKO, 2016, p.20).

Ou seja, há muitas camadas de definições que é preciso lembrar para explicar a essência, mas todas elas se afunilam para levar ao outro a um diálogo. Derdyk (1994, p.20) também reflete sobre a conceituação do desenho destacando que o desenho não se resume ao aplicador sobre o suporte, “O desenho, como índice humano, pode manifestar-se não só através de marcas gráficas depositadas no papel (ponto, linha, textura, mancha), mas também através de sinais como um risco no muro, uma impressão digital, a impressão da mão numa superfície mineral, a famosa pegada do homem na Lua etc.” Traduzindo em outras palavras, Derdyk compara a história da humanidade ao pensamento artístico sobre o desenho. Dessa forma, a linguagem do desenho acompanha a história humana em suas diversas manifestações.

A conceituação de desenho, portanto, abarca inúmeras possibilidades podendo ser uma operação que permite representar algo por meio de um traço, ele é base para o desenvolvimento de outras linguagens artísticas, é também meio de perceber as coisas do mundo, sendo expressão imediata da visão, da observação, de um pensamento, de sentimentos. O desenho, partindo dessa compreensão, é linguagem. Entendemos dessa forma as camadas conceituais que Kiyoko (2016) e Derdyk (1994) mencionaram.

Avançando, voltamos ao uso do sketchbook. Rocha (2010, p.01) explica que “o artista que experimenta o caderno de artista como uma ferramenta para seu trabalho, oportuniza-se a um processo de reflexão, que o torna capaz de olhar para a arte e para o mercado de forma mais crítica e amadurecida”. O Sketchbook,

sendo considerado nosso caderno de artista nos revela outras formas do nosso olhar sob tal assunto. O artista acaba adentrando em uma profunda reflexão de sua própria produção. Cada artista contempla suas próprias obras, de modo em que se questiona sobre o método utilizado durante sua investigação "igualmente vinculando a necessidade do pensar e do fazer." Gunzi (2016).

A partir dessa percepção, o desenho:

[...] assume um carácter mais experimental e livre dos pressupostos anteriores, tornando-se mais autoral, descomprometido com a representação da realidade concreta e próxima da poética de cada artista ou do movimento de que fazia parte naquele momento histórico (KIYOKO, 2016, p. 44).

A investigação de que trata esse texto é embrionária, por isso, registramos variadas funcionalidades para o uso do sketchbook como recurso metodológico, quais sejam: planejar ideias para projetos do curso de Artes Visuais – Licenciatura, esboçar as ideias iniciais para assim conseguir transferi-las para o suporte final e dar todo o acabamento que for necessário, praticar novas técnicas ou experimentar novos materiais, realizar treinos de desenho de anatomia, anotar ideias avulsas referentes a criação de personagens e teste de suas paletas de cores, rabiscar linhas e formas em um tempo que não seja o cronológico até perceber que a construção do desenho se faz aos poucos, apesar de parecer algo imediato, e que a criatividade pode ser articulada ao próprio processo.

[...] O ato de registrar um pensamento muda a relação que temos com ele, tornando evidente algo até então oculto. O lugar-comum é transfigurado e nós somos lembrados da amnésia que nos assola no dia a dia. A plateia espera um produto mas o criador necessariamente procura seu processo, sendo seu produto uma consequência desse processo e não uma finalidade. (WATSON in ALMEIDA; BASSETTO, 2010, s/p)

Faz-se relevante o registro de pensamentos, sentimentos e da observação do mundo ao redor do sujeito que desenha, mesmo que seja um esboço rápido de suas impressões.

4. CONCLUSÕES

Compreendemos a utilização do sketchbook para pesquisa em desenho como um objeto de estudo, um lugar em que nos é permitido errar quantas vezes for necessário até ganhar confiança o suficiente para pôr em prática a ideia planejada. Nossos sketchbooks foram fundamentais para buscar entender o conceito de criação, de organização de conceitos e representações. Anotando ou até rabiscando sem sua paginação foi possível verificar que a criatividade ao realizar um desenho vai sendo construída aos poucos, na própria prática. Ao observarmos os sketchbooks que cultivamos ao longo do curso de Artes Visuais – Licenciatura, notamos que o processo criativo se dá por conta das referências vividas do nosso cotidiano, de nosso repertório, tendo uma visão poética e reflexiva sobre nossos desenhos. Enfatiza-se que a memória poderá vir a ser uma categoria conceitual de pesquisa a partir do uso do sketchbook como recurso metodológico: se olha para as coisas de si e do mundo, ou essas coisas se revelam para o sujeito que desenha e este, por sua vez, registra em desenho aquilo que captou, que

apreendeu, que sentiu, que experienciou. Por fim, é necessário indicar que as considerações são parciais já que a investigação se encontra em sua fase inicial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cezar de; BASSETO, Roger. **Sketchbooks**: as páginas desconhecidas do processo criativo. São Paulo: Editora Ipsis, 2010.

CUNICO, Ana Paula de Oliveira; PELLEGRIN, Ricardo de. O sketchbook como recurso no estímulo da experiência de criação no ensino da Arte Contemporânea. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 224 – 239, 2021.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1994.

ERICKSON, Rebecca Fernandes. **Sketchbook**: possibilidades pedagógicas. 2015. 61f. Trabalho de conclusão de curso (Artes Visuais – Licenciatura), Universidade Federal do rio Grande do Norte.

GUNZI, Elisa Kiyoko. **A relação do desenho com o ensino da arte**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

NUNES, Carolina Ramos; COLBEICH, Marisete. O espaço criativo na educação: Cadernos de artista/professor/pesquisador. **Anais do X Encontro do Grupo de Pesquisa Educação, Arte e Inclusão**, Florianópolis – CEART/UDESC, 2014. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-espao-criativo-na-educao-cadernos-de-artista-professor-pesquisador#:~:text=o%20espa%C3%87o%20criativo%20na%20educa%C3%87%C3%83o:%20cadernos>

ROCHA, Maria Clara Martins. Caderno de artista: um meio de reflexão. **Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”**, Cachoeira – Bahia, 2010. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/maria_clara_martins_rocha.pdf

SASAKI, Nair R. **Caderno de artista como obra**. 2023. 129f. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais), Universidade de São Paulo, USP.